

A escultura animalista de João da Silva (1880-1960)

Autor de pequenas esculturas cronofotográficas animalistas

Arlinda Fortes

Resumo:

As séries animalistas executadas pelo escultor novecentista João da Silva (1880-1960), complementam uma parte significativa da coleção marcada pela escultura naturalista e pela medalhística, deixada pelo próprio em testamento à Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Modeladas em pequena escala e datadas do final da década de 1920, representam caprinos e aves, em diferentes poses. É notório o amplo conhecimento do escultor na anatomia e fisiologia animalista, pelos estudos e peças modeladas com grande minúcia técnica e artística, assim como pelo pormenor e dinâmica que apresentam.

O movimento de cada peça das séries de «Cabras» e «Patos», traduzidas pela Casa Rosenthal (Alemanha) e Fonderie Valsuani (Paris), lembram a técnica da Era Vitoriana, a cronofotografia (1830), igualmente mencionada pelo escultor António Duarte (1912-1998), no seu discurso de homenagem a João da Silva, nas comemorações do centenário do seu nascimento, realizadas pela Academia Nacional de Belas Artes (1980), comparando a sua obra à do anatomista-escultor Paul Richer (1849-1933).

Palavras-Chave: João da Silva; coleção; escultura animalista; cronofotografia.

A escultura animalista de João da Silva (1880-1960)

Autor de pequenas esculturas cronofotográficas animalistas

O pintor desenha com as tintas; o escultor com o barro.
João da Silva

1. Apontamento biográfico: recordar João da Silva

Nascido em Lisboa, a 1 de dezembro de 1880, João da Silva, iniciou a sua formação nas artes como aprendiz de cinzelador nos históricos joalheiros Leitão & Irmão. Conciliou o conhecimento prático com a instrução no curso de Desenho ornamental e Modelação, na Escola Industrial Afonso Domingos, em Xabregas, e no curso de Cinzelagem e Desenho na Escola Industrial do Príncipe Real. Contudo seria com a sua ida para Paris, em 1900, que iria adquirir o que considerava uma conveniente formação técnica e artística ingressando em duas das mais conceituadas instituições da época, a *École des Arts Industriels*, em Genebra, no curso de Ourives e Gravador, que frequentou entre 1901 e 1903,¹ e a *École des Beaux-Arts* de Paris, o curso de Medalhística, entre 1904 e 1906 (Silva, 1972, pp.11-19. Esta ascensão seria facilitada pela pensão atribuída pelo Engenheiro António Arroyo (1856-1934), que João da Silva conheceu em Paris em meados de 1901, através de amigos comuns. A entrega e dedicação total ao trabalho seriam sempre distinguidas, alcançando vários prémios.

Este promissor percurso traduzir-se-ia numa carreira expandida, sem limitações geográficas² – mantendo o seu atelier e execução das suas obras na capital francesa –, e sem limitações artísticas – intervindo ativamente na Escultura, Medalhística, Numismática e Ourivesaria.

Há que recordar o leitor que o escultor João da Silva foi autor de dois símbolos republicanos do início da Primeira República Portuguesa. Um desses símbolos foi o «Busto da República», mediante convite da Assembleia Constituinte da Nação Portuguesa, em 1910, onde, no nicho da presidência da Sala das Sessões, fora colocado um busto feminino, alusivo à jovem República, uma escultura de dimensão imponente com 2 metros de altura, que permaneceria no Parlamento português entre 1911 e 1913.³ O segundo símbolo republicano foi o modelo para a primeira moeda de ouro da República Portuguesa, no valor nominal de 10 escudos, por concurso aberto «Modelos das Faces das Novas Moedas de Ouro da República Portuguesa», da Casa da Moeda, em 1913.

¹ A formação obrigaria à frequência de 5 anos no curso, porém, após provas prestadas no final do primeiro ano, o conselho escolar indicaria João da Silva para concorrer para o quarto ano do curso. João da Silva, alcançaria assim o seu objetivo inicial e o êxito académico.

² Representado em coleções de museu e particulares, em Portugal, Alemanha, Angola, Brasil, França, Genebra.

³ Assembleia da República (2015). *Uma estátua da República para o Hemiciclo – Exposição comemorativa do I Centenário do Concurso aberto pelo Congresso da República*. (Catálogo da exposição). Lisboa: AR. Disponível em https://www.parlamento.pt/ArquivoDocumentacao/Documents/Estatua_Republica_p.pdf

Seria durante a vigência do Estado Novo que João da Silva executaria a maioria das suas obras de Numismática e Medalhística, encomendadas pelo Governo e instituições publicas de referência nacional. Desse período foram executados modelos para as moedas de escudo que circulariam até tardiamente, e medalhas comemorativas alusivas a acontecimento nacionais de relevo e de homenagem a figuras influentes na indústria, cultura e saúde pública. Todavia, mesmo tendo o Regime como seu encomendador, seria encarcerado por duas vezes,⁴ passando pelo presídio da Fortaleza de São João Baptista, em Angra do Heroísmo, nos Açores, com então 53 anos, entre 1933 e 1934, e pelo presídio do Aljube, entre janeiro e maio de 1945, já com 65 anos.

Na Escultura, João da Silva executou sublimes peças escultóricas de modelos parisienses, bustos de personalidades, estatuárias fúnebres, animalistas e cenas rurais, para encomendadores particulares ou por seu gosto pessoal.

O acervo artístico de João da Silva ficaria reunido na totalidade, após a sua morte a 6 de março de 1960, na sua vivenda-atelier, na Rua Tenente Raul Cascais, em Lisboa, onde viveria e trabalharia desde meados de 1930. A habitação e respetivo espólio seriam legados pelo próprio, concomitantemente com a sua esposa, a pianista Maria do Pilar Sérgio de Sousa, à Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), por testamento, datado de 1952, com o objetivo de a casa ser mantida como Museu. A ligação à SNBA não era recente, começara cerca de 50 anos antes, apresentando-se como expositor em perto de três dezenas de exposições, nas seções de Arte Aplicada, Desenho e Escultura; como júri na seção de Escultura; como Sócio-Correspondente⁵; e como membro dos corpos gerentes da instituição, na figura de vice-presidente da direção no biénio de 1942-1944⁶.

É através do espólio confinado na vivenda-atelier, denominada Casa-Museu João da Silva, em processo de inventário científico e estudo aprofundado de todas as suas obras, que sobressai o conjunto de esculturas animalistas em tema.

2. A coleção animalista

⁴ Foi encarcerado a primeira vez por possuir na sua casa exemplares do jornal anti-salazarista *A Verdade* (1933-1934), dirigido por Armando Cortesão, descobertos durante uma operação da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE) à sua casa na Rua Tenente Raul Teixeira, n.º 11, em São Mamede, Lisboa. O segundo encarceramento, já pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), segundo registos tratados arquivisticamente na Torre do Tombo, foi para averiguações.

⁵ Sócios da SNBA que tivessem residência permanente fora de Portugal. João da Silva detinha um atelier na Avenue de Châtillon, 36, Paris, França.

⁶ Informação recolhida através de consulta aos catálogos de exposição da SNBA, uma vez haver lacunas documentais, segundo informações prestadas pela SNBA.

Dos quase 1900 bens inventariados do espólio doado, destacam-se verdadeiras preciosidades artísticas da autoria de João da Silva, que vão ao encontro do seu particular interesse pela figura animal. Executou esculturas zoomórficas ou de lirismos rurais, retratando cenas do quotidiano típico das províncias, onde a figura animal é destacada como força motora no auxílio à economia local e ao labor, na pastagem de gado ou deslocação de bens (Figura 1).

A temática adotada pelo escultor dá continuidade ao academismo da Escola Francesa desde o Romantismo, que se manteve ao longo de todo o século XIX e inícios do século XX, caracterizada por composições registando as fisionomias, movimentos e comportamentos dos animais. João da Silva é um dos raros representantes da escultura animalista nacional, com obras de qualidade comparáveis ao primeiro escultor *animalier*, o francês Antoine-Louis Barye (1796-1875).

Lamentando a falta de tempo para se dedicar ao estudo e modelagem da sua obra animalista,⁷ João da Silva deixou, ainda assim, uma abrangente coleção com aproximadamente trinta peças: *Burrigo*, o casal de *Corços*, os *Corços de Pé*, a série *Cabritos*, o *Galo*, a série *Patos*, o *Pinto calçado*, o *Galgo*, os *Gatos* (aperta-livros), os *Cabritos a brincarem*, a *Águia* e a *Andorinha*. Existe igualmente espaço para esculturas onde a figura humana e o trabalho prestado pelo animal se conciliam harmoniosamente, como *O Rapaz e o Burro* e os *Campinos a cavalo*.



Figura 1. Escultura. *Rapaz e o Burro*, SILVA, João da (1880-1960), 1929, Bronze, 19,5 x 14,5 x 52,5 cm, CMJS105. Autor: Arlinda Fortes

Sob a mesma temática foram inventariados modelos em gesso, e as suas respetivas versões em bronze e porcelana, pesando não terem sido ainda identificados, entre o espólio, todos os gessos e esculturas traduzidos.

Para a tradução das suas obras, o escultor elegeu as casas mais prestigiadas e reconhecidas à época, na produção de cerâmica e fundição em Portugal,

⁷ A Vida e as Obras de João da Silva. O escultor e o medalhista O animalista e o cinzelador (entrevista). (1954, 17 de julho). *O Cronista*, 4, 6-7

na França e na Alemanha.

A empresa Rosenthal (Bavaria), na Alemanha, fundada em 1879, produziu cópias comerciais decorativas em porcelana moldada, a partir dos modelos de «Patos» em seis poses diferentes (Costa, 1952, pp.42-43), sensivelmente a partir da década de 1930 ou até mais tarde⁸.

Em Portugal, a reprodução cerâmica ficaria assegurada pela Fábrica da Vista Alegre, em Aveiro, fundada em 1824, com produção situada entre os anos de 1922 a 1947 (Mendes, 2016).

As figuras animalistas em posições variadas – o animal sentado, a andar, de pé, a coçar-se e de cócoras – foram produzidas em porcelana branca vidrada, parcialmente pintadas à mão ou somente com ligeiros apontamentos de cor – castanhos, amarelos, cinzas –, realçando detalhes da figura animal tais como olhos, patas, orelhas, pelagem.

Quanto à tradução para bronze, não reconhecendo competência e qualidade às oficinas portuguesas (Pinto, 1975, pp.13-16), João da Silva elegeu a ilustre *Fonderie Valsuani*, em Paris, para traduzir todas as suas obras. Os especialistas em fundição por cera perdida e pela pátina *noir Valsuani* dada às peças (Valsuani, 2019), são responsáveis pela tradução de obras de escultores de renome como Auguste Rodin (1840-1917).

As esculturas animalistas podem variar entre os 6 cm e os 35 cm de altura, consoante a necessidade de efetuar a mesma peça em diferentes escalas ou se aquelas possuem uma base em mármore negro, sendo que os gessos ditam as escalas originais, não ultrapassando os 25 cm de altura. Foram executadas entre os anos de 1919 e 1936, sendo o período de 1924 e 1927, os anos com mais exemplares de figuras animais modeladas.

3. As figurinhas animalistas cronofotográficas

João da Silva acreditava que a inspiração só poderia ser alcançada com trabalho, sendo o estudo e o desenho fundamentais para a execução de uma peça – perseverança reconhecida pela quantidade e qualidade apreciável de esboços e estudos identificados, onde é notório o seu conhecimento da anatomia e fisiologia animal (Figuras 2 e 3). Outra capacidade do escultor era a da observação meticulosa, que lhe permitia modelar esculturas com grande primazia, sempre atento aos pormenores e à dinâmica da figura, sem deturpar nenhum elemento da composição (Gama, 1980, p.119).

⁸ Está por averiguar o período concreto da produção animalista de João da Silva pela Rosenthal. Contudo, pelos carimbos da marca estampados nas peças, consegue-se calcular aproximadamente o seu período de comercialização.



Figura 2. (esq.) Esboços. *Pato*, n.ass., n.d., Grafite s/papel, 65,1 x 51,3 cm, CMJS254. Autor: Arlinda Fortes

Figura 3. (dir.) Estudo. *Cabrito Empinado*, SILVA, João da (1880-1960), 1930, Grafite s/papel, 44,4 x 30 cm, CMJS308. Autor: Arlinda Fortes

Ao modelar as figurinhas⁹ animalistas, congelou no tempo movimentos melódicos, como num disparo fotográfico onde a ação captada se multiplica em imagens. As séries dos *Cabritos* e dos *Patos*, amplamente representadas em museus nacionais¹⁰, são exemplos desses momentos fotográficos.

No caso da série os *Cabritos*, como ilustra a Figura 4, uma fotografia a preto e branco, contando com apenas oito das onze figurinhas executadas sobre os «irrequietos cabritos» (Duarte, 1980, p. 32) demonstra a dinâmica e harmonia de movimentos do conjunto. Quando observado cada um dos elementos do conjunto individualmente, cada movimento é uma *imagem* que combinadas formam uma ação, aludindo assim a uma animação cinematográfica, que rapidamente associámos às técnicas da Cronofotografia, popular em meados do século XIX, da Era Vitoriana.

O termo «Cronofotografia» ficou conhecido através do fisiologista Étienne-Jules Marey (1830-1904), que iniciou os seus primeiros experimentalismos nos anos de 1850, com mecanismos para registar atividades humanas e animais, indo ao longo das décadas aperfeiçoando dispositivos que gravassem automaticamente efeitos fisiológicos. A estes registos que envolviam papel emparelhado a um tambor rotativo, um dispositivo semelhante a um sismógrafo, descreveu-a como «cronografia», expandido a sua investigação para a locomoção humana e animal adaptou um dispositivo de gravação, o qual inicialmente designou por

⁹ A maioria das esculturas animalistas do escultor não possuem mais de 25 cm, pelo que o próprio as designa por figurinhas.

¹⁰ Nomeamos algumas das instituições museológicas com obras animalistas de João da Silva integradas nas suas coleções, segundo um inquérito que elaborámos e que está a decorrer desde finais de março de 2020: Museu Grão Vasco, em Viseu; Museu Municipal de Vila Franca de Xira; Museu da Guarda; Museu Soares dos Reis, no Porto. É de conhecimento público, que o Museu da Vista da Alegre, em Aveiro, também possui exemplares de modelos animalistas ali produzidos, porém, ainda não se obteve a devida validação da instituição.

«fotocromografia» e, mais tarde, por «cronofotografia» (Hannavy, 2008, p.298), que consistia em tirar uma série de imagens de movimentos.

Num dos seus estudos mais conhecidos, *Chronophotographie d'un vol de pélican* (Figura 5), Marey capta o voo de uma ave numa única série de cinco imagens, focando-se nos movimentos sucessivos das asas, que apresenta juntamente com outros estudos semelhantes na monografia *Le Mouvement*, de 1894. Até ao século XX (Hannavy, 2008, p.297), Marey e outros profissionais exploraram a cronofotografia em diferentes linhas de investigação.

Façamos um breve exercício de observação e comparação das esculturas animalistas de João da Silva, os *Patos*, com o do voo do pelicano de Étienne-Jules Marey.

Os *Patos* modelados por João da Silva, como apresentados na composição (Figura 6), com leitura da esquerda para a direita, captam nove imagens, com o exigido rigor científico, da locomoção e a ação de cada Pato – a bicar o chão, de papo cheio, a coçar o papo, sentado, a coçar a pata traseira, a coçar as costas, a coçar o bico, a andar e a olhar para um caracol. O voo do pelicano de Marey (Figura 5) capta o movimento singular da ave, onde a imagem de cada ação difere no bater das asas, que facilmente poderiam ser reproduzidas plasticamente por artistas conhecedores da fisionomia animal, como João da Silva.

Distanciados pelo tempo, técnicas e plasticidades aplicadas, o elemento comum entre ambos é o conhecimento sobre as «fases do movimento» (Marey, 1894, p. 34) e da anatomia das figuras a que se propõem estudar, por isso a importância dada por João da Silva ao desenho e à observação de todo o ambiente e seres que o rodeiam.



Figura 4. Positivo. Série *Cabritos*, n.d.. Positivo a p/b, 14,2 x 39 cm, CMJS942. Autor: Arlinda Fortes



Figura 5. Negativo. *Chronophotographie d'un vol de pélican*, Marey, Étienne-Jules Marey (1830-1904), c. 1883-87, Gelatina de prata, 8,3 x 9,4 cm. Fonte: The Cleveland Museum of Art



Figura 6. Composição por programa de edição de imagem, dos modelos e réplicas em gesso da série animalista dos *Patos*, da autoria de João da Silva, modelada entre 1924-1927. [da esq. para a dir.: CMJS1658; CMJS1646; CMJS1679; CMJS1661; CMJS1663; CMJS1665; CMJS1649; CMJS1660; CMJS1647]. Autora: Arlinda Fortes

4. Conclusão

Das centenas de obras que integram a sua coleção artística, as séries *animalière* são as que mais se destacam pela singularidade temática e técnica empregue, pela qual João da Silva é merecidamente reconhecido na vertente da «pequena-grande escultura», como a designaria o escultor António Duarte (1912-1998). Como explicado pelo seu homólogo, «pequena-grande escultura» por serem de pequena dimensão, mas de grande significado plástico¹¹.

As cerca de trinta figurinhas encantam pela graça dos seus movimentos e poses captadas pelo escultor. As séries de *Cabritos* e *Patos* seriam comerciali-

¹¹ RTP Arquivos (1991, setembro 9). *Nome de Rua, João da Silva* (vídeo). Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/joao-da-silva/>

zadas em massa na indústria ceramista e numa escala mais moderada, na fundição por cera perdida, limitadas por padrões de produção e qualidade dos escultores.

O escultor João da Silva, nas séries *animalière* capta os movimentos dos Cabritos e dos Patos, semelhantes a fotografias, em que, seja qual for dureza dos materiais em que são reproduzidas, mantêm o rigor anatómico, dinâmica e elegância dos gestos. Na Escultura, a percepção de movimento é mais facilmente conseguida por se tratar de objetos volumétricos, que, corretamente cinzelados, podem, na sua forma e detalhes, transmitir a dinâmica pretendida. A «pátina do tempo» ajudará a valorizar a anatomia na tridimensionalidade da peça, conferindo-lhe outro realismo de movimento. Na vertente de Desenho e Pintura, essa percepção só é conseguida pela configuração do traço, forma e cor.

Étienne-Jules Marey com as sucessivas experiências e os dispositivos que constrói e adapta, procura compreender as causas e a mecânica do movimento, pelo meio da fotografia – a *cronofotografia*. Estas experiências com fins científicos, para análise e registo do movimento de animais, humanos, e objetos, através de sucessivas fotografias por tempos de exposição iguais, dariam aos seus pares oportunidade de desenvolverem novos conceitos sobre a imagem e movimento, dando assim origem aos Cinematógrafos e, posteriormente, ao Cinema.

Enquanto estudiosos, João da Silva e Étienne-Jules Marey possuem uma percepção diferente dos movimentos no tempo, espaço e ambiente onde se inserem. A imagem é, na realidade, uma fase ou ação de um movimento mecânico, exposta numa película, impressa num papel ou modelada em barro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Vida e as Obras de João da Silva. O escultor e o medalhista. O animalista e o cinzelador (entrevista), 1954, 17 de julho. In *O Cronista*, 4, pp.67.

Assembleia da República (2015). *Uma estátua da República para o Hemiciclo – Exposição comemorativa do I Centenário do Concurso aberto pelo Congresso da República*. (Catálogo da exposição). Lisboa: AR. Disponível em https://www.parlamento.pt/ArquivoDocumentacao/Documents/Estatua_Republica_p.pdf

Costa, Sebastião. (1952, fevereiro). João da Silva. Portuguese Scultor. In *The Studio*, 707 (143), pp.42-43. London: Studio Publications Inc.

Duarte, António (1980). Homenagem ao escultor João da Silva. Belas-Artes. In *Revista e Boletim da Academia de Belas-Artes*, 2.^a série, 15, pp.85-87.

Gama, Ana Maria Pereira da. (1980). Recordando João da Silva, o inesquecível medalhista. No centenário do seu nascimento. In *Olisipo*, s.n., pp.142-143. Disponível em http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Olisipo/1979-1980/N142-143/N142-143_item1/P5.html

Hannavy, John (Ed.). (2008). *Encyclopedia of Nineteenth-Century Photography, Vol 1*. EUA. Disponível em <http://home.fa.utl.pt/~cfg/Anima%E7%E3o%20e%20Cinema/Fotografia/Enciclopedia%20of%20the%2019th%20Century%20Photography.pdf>

Marey, Étienne-Jules (Eds.) (1894). *Le Mouvement*. Paris. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8626089q.image>

Mendes, Ana Ria Soares. (2016). *Vista Alegre: História, Coleccionismo e Mercado na atualidade*. (Dissertação de Mestrado em Mestre da Arte) ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em repositório da ISCTE-I. U. L. (<http://hdl.handle.net/10071/12728>)

Pinto, António M. (1975, setembro). João da Silva. In *A Medalha. Revista de Medalhística*, 39, 13-16.

RTP Arquivos (1991, setembro 9). *Nome de Rua, João da Silva* (vídeo). Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/joao-da-silva/>

Silva, João da. (1972, julho). Como conheci António Arroyo – Artigo inédito do escultor João da Silva. In *A Medalha. Revista de Medalhística*, 1, 11-19.

Valsuani (2019). Disponível em <https://e-monumen.net/patrimoine-monumental/valsuani/>